

# O HOMEM LIVRE

CLASS. *inglês*  
*unidade*

S. Paulo, 5 de Novembro de 1933

Redator-chefe:  
**GERALDO FERRAZ**

ASSINATURAS:  
ANO 20\$000  
SEMESTRE 10\$000  
NUMERO AVULSO \$200

Rua do Carmo, 11 — 1.º andar

Num. 18      Ano I

## Contra a Guerra ou contra o Fascismo?

Com a força e a inevitabilidade dos fenômenos naturais a guerra apresenta-se na era do imperialismo como o remédio heroico para as contradições inelutáveis de um regime econômico cujo papel progressista, na história da humanidade, já pertence ao passado. A luta pelos mercados cada vez mais espaçados com o desenvolvimento do modo de produção capitalista e a contradição cada vez mais aguda entre a crescente capacidade de extensão da produção e a capacidade de consumo restrito do mercado tem a sua forma mais extrema nos sangrentos conflitos armados. Começando pelo massacre dos povos coloniais e pela conquista violenta das zonas de influência, as lutas imperialistas culminaram na carnificina monstruosa de 1914.

As forças produtivas do capitalismo, antes da eclosão do enorme conflito, estavam numa progressão constante. A conquista de novos mercados, até os fins do século passado, e as crises que se registravam periodicamente, disciplinando as forças de produção anárquicas, garantiam o desenvolvimento do regime. Em 1914, no seu primeiro encontro sério na luta pelo mercado os blocos opostos das grandes potências entraram com o otimismo, o ímpeto e a confiança que lhes garantia o sucesso do desenvolvimento progressista que até então haviam conhecido. E assim os dois grupos imperialistas, em nome de princípios igualmente "superiores", arrastaram para a hecatombe milhões de seres humanos, a quasi totalidade dos quais era recrutada entre as classes sociais cujos interesses colidem abertamente com os do sistema em consequência de cuja decrepitude e contradições lutaram e morreram. Do valor do remédio heroico somos hoje todos testemunhas. Atacado do mal senil, o atual regime de produção está em franco apodrecimento.

Na estagnação de uma crise crônica os conflitos armados, como a conquista da Manchúria pelo Japão, continuam no mundo inteiro. E com os últimos acontecimentos, o espectro sombrio de uma nova conflagração inter-imperialista vai tomando contornos mais nítidos. Mas, ao contrário do que se verificou em 1914, as minorias dirigentes mostram-se munidas de uma grande prudência. Na incerteza dos resultados de um novo choque armado de grandes proporções, procuram adiar a luta e contornar os fatores objetivos que levam ao conflito. Mas, ao que parece, não haverá outra saída. Depois do fracasso estrondoso da conferência de Londres vemos já se desmoronarem nos E. U. as ilusões que se criaram em torno do plano apressado e mais ou menos desastrado do presidente Roosevelt. Nas possibilidades das "realizações" fascistas, depois de onze anos da óca demagogia mussoliniana, nem os cretinos acreditam mais. Enquanto isso vemos as classes trabalhadoras desorganizadas e divididas e, em consequência da vitória do fascismo na Alemanha, o movimento revolucionário do proletariado em depressão. E a vitória do fascismo, com o consequente afastamento das classes trabalhadoras da luta política, favorece a preparação da guerra.

Por motivos a que repetidamente temos aludido, na época em que todas as condições objectivas se apresentam para a transformação da sociedade com a socialização dos meios de produção, verifica-se a carencia das organizações políticas do proletariado. Isso deu lugar ao aparecimento do fascismo e às vitórias que alcançou na Itália e na Alemanha e a consequente extensão pelo mundo dos métodos fascistas de demagogia e de repressão do movimento operário. A principal

tarefa do fascismo, como é sabido, é a destruição sistemática das organizações independentes das classes trabalhadoras, que são submetidas pela violência, sendo suprimidas todas as liberdades democráticas, as quais hoje não interessam de nenhum modo a minoria dirigente. Rosa Luxemburgo escreveu no começo deste século: "Se a democracia tornou-se para a burguesia superflua ou incomoda, ela é, ao contrário, necessária e indispensável para a classe operária. Ela é, antes de tudo, necessária, porque cria formas políticas que servirão ao proletariado de pontos de apoio em seu trabalho de transformação da sociedade burguesa; e é, em segundo lugar, indispensável, porque não é senão por seu intermédio, isto é, na luta pela democracia, no exercício dos seus direitos, que o proletariado pode chegar à consciência de seus interesses de classe e de suas tarefas históricas". E acrescenta: "Em uma palavra, a democracia é indispensável, não porque ela torne superflua a conquista do poder político pelo proletariado, mas, ao contrário, porque torna esta conquista do poder tão necessária quanto possível".

Ora, somente a maioria constituída pelas classes trabalhadoras, na luta pelo poder político, visando a transformação da sociedade, pode chegar à eliminação da guerra. O combate contra o fascismo, cujo triunfo significa o esmagamento das liberdades políticas do proletariado, tem por isso que se sobrepor a quaisquer movimentos tendentes a suprimir determinados efeitos do regime que os "duces" e os "fubres" procuram salvar.

A inocuidade do pacifismo vulgar, que dura somente o tempo que a sua inconsistência espera para ser posta à prova, já está desde há muito constatada. Ao cruzar dos "ultimatums" e das primeiras notas dos hinos patrióticos e guerreiros, o melhor dos pacifistas, deante da demonstração esmagadora da inutilidade do movimento idealista em que se empenhara, é o primeiro a reconhecer a guerra como uma "necessidade a que os homens não podem fugir" e não vê deante de si senão a "defesa da pátria". E' esse o pacifismo burgues que até 1914 parecia constituir uma força respeitável.

Presentemente o campo para o exercício de tal atividade sentimental torna-se cada vez mais restrito. tal a evidencia de que a guerra somente desaparecerá quando desaparecer o regime de que ela é uma

das mais trágicas consequências. Os horrores da guerra, nos nossos dias, têm que figurar ao lado do desemprego e de todas as misérias e contradições, na critica da sociedade contemporânea. Uma gravura de Käthe Kollwitz fixando as consequências alucinantes da carnificina imperialista tem a mesma significação revolucionária daquela em que as crianças famintas pedem pão à mãe angustiada. A guerra como a miséria e o desemprego, originando-se de uma mesma causa, não podem ser combatidos isoladamente, como males independentes e acima dos interesses das classes.

O que é preciso dizer é que a guerra durará enquanto durar o domínio das minorias privilegiadas. O trabalhador consciente, manual ou intelectual, que se deixar levar pela ilusão pacifista, no dia que pode estar próximo em que ela mostrar a sua inconsistência, não terá deante de si nenhuma diretiva.

Uma ilustração dos desvios a que pode levar o pacifismo vulgar temos no manifesto recentemente publicado contra guerra. Nesse documento a guerra de 1914 é apresentada como um mal "cujas trágicas consequências ainda perduram na humanidade". Ora, essa é a mais vulgar das explicações de que o economismo burgues se serve para "justificar" a crise orgânica do regime capitalista. Para o economismo burgues a crise deve atribuída a tudo menos ao próprio regime.

E' sabido que a guerra imperialista é um efeito, uma consequência da luta pelo mercado, oriunda da contradição entre o modo de produção e a capacidade restrita do consumo, do mesmo modo que a crise que agora assume proporções catastróficas.

E a novas carnificinas assistiremos, a não ser que a maioria das populações, organizando-se para a vitória, abra para a humanidade as perspectivas maravilhosas de uma civilização que ultrapassará todos os sonhos dos utopistas. E para que isso aconteça, todos os que já adquiriram consciência do processo histórico têm que concorrer para o esclarecimento dos trabalhadores manuais ou intelectuais e não se deixar ilusões perigosas. A tarefa urgente à que têm que se entregar apaixonadamente os que anseiam pela emancipação do proletariado, condição para a emancipação de toda a humanidade, é a luta contra o fascismo, a avançada imunda da minoria opressora que visa destruir as condições em que é possível a luta por formas mais altas de civilização e de liberdade.

## O general Góes Monteiro pens<sup>a</sup> que já pôde ser contra a democracia liberal

em nome da qual comandou as colunas do Sul, em outubro de 1930

O general Góes Monteiro continua deitando falação, com aquela suficiencia que a imprensa lhe tem conhecido repetidas vezes, embora não ponha a mão no botocudo que lhe serve de assunto nas horas de ocio. No mesmo dia em que um velho juriscônsulto da antiga tempera dos republicanos historicos, dá, numa carta ao ministro Mello Franco, uma liçãozinha de democracia (a carta do sr. Carlos Maximiliano que a imprensa carioca não pôde publicar) nesse mesmo dia o general Góes Monteiro mete o bico para dizer que votava contra o ante-projeto da Constituição, porque "se ele for aprovado sem grande modificação pela Assembléa Constituinte, será apenas a formula de transição para o regimen definitivo que ha de adoptar forçosamente a nação brasileira e que ainda não é o que se traduz nesse mesmo ante-projeto. Teoricamente, o ante-projeto é uma obra notavel, mas receio e não tenho mesmo muita duvida que, na sua applicação, ficará aquém de nossos desejos. Mais cedo ou mais tarde se verá que foi dado um passo no sentido de avançar no rumo certo, um passo, porém, muito curto para se alcançar o equilibrio social completo.

Não tenho ilusões para não sofrer desilusões. Em conjunto, a Constituição proposta não tornará o Estado Federal suficientemente forte, de modo a enfrentar as complicações dos problemas nacionaes, a principal pela organização racional da economia, base material sobre que terá de assentar toda a estrutura de nossa vida coletiva, permitindo ao mesmo Estado regular a produção do país, de modo que satisfaça as necessidades reais da coletividade e sobreponha sempre os interesses da nacionalidade aos interesses do individualismo e aos interesses de outra natureza, que forem antagonicos com aqueles.

De outra maneira não é possível a convergencia dos esforços de todos, não é possível evitar as explorações e deturpações as contradições, os paradoxos e os processos de dissolução nacional, continuando-se a marchar ao acaso para o desconhecido."

A consequencia ultima é precisamente esta: "marchar para o desconhecido!" Acredita o ingenuo general de divisão, que qualquer regimenzinho liberal caminhe para o desconhecido. Ele allás, está coherente com a sua definição da revolu-

ção liberal de 30, que teria sido um "salto no escuro", mas está profundamente errado no que acredita ser o "desconhecido". Precisamente, a evolução da revolução liberal tinha de ficar dentro de certas solidas reformas, e com um pouco mais de complacencia perante a chamada "questão social brasileira", e acabar como acabou, um pouquinho mais reacionaria do que o golpe politico-militar de 89.

De fato, o documento publicado "para ser" a Constituição do país e que representa o resultado do estado actual da cultura juridica e da civilização brasileira, como disse o sr. Melo Franco, consigna a aproximação do Estado e da igreja, de uma forma velada, mas suficiente para que o clericalismo se espalhe e frondeie... Essas e outras mostram que o caminho da revolução liberal não foi para o desconhecido, e a "Constituição", que deve ser "aprovada", como resultado dela, não é marcha para o desconhecido mas representa um maximo de liberalismo compatível com o estado actual das coisas...

Pensando que é genio, o general Góes Monteiro vê, soturnamente, nessa legislação uma aberta para os "perigos muito maiores que se mobilizam nas trévas e possuem raizes universaes".

E pensando que é genio ele aceita o carater de "necessidade" de uma "terapeutica energica". O general está aflito atoa. O desconhecido não existe para a historia. E ele caminha pelos rumos mais certos para a emancipação do homem, para a justiça social mais elevada. Queira ou não queira o general de divisão, nós vamos para lá, e teremos que passar por grandes dias.

OBSERVADOR.

## Grande Reunião Anti-integralista

No dia 14 do corrente, o Centro de Cultura Social realizará a grande reunião ANTI-INTEGRALISTA, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo 25.

Serão oradores: um representante de "O HOMEM LIVRE", um elemento socialista e apenas o inicio de uma serie de conferencias do mesmo genero destinadas a esclarecer a opinião publica, e principalmente a classe operária sobre o perigo que representará para o Brasil o possível dominio dessa nefasta e criminosa doutrina. O perigo integralista (fascismo nacional) é uma realidade que ninguem pode desconhecer.

A molecada de Plínio Salgado poderá empalmar o poder. E' necessario prevenir esse perigo, combatendo-o "a outrance". Apelamos, pois, para todos os anti-fascistas de todas as raças, credos politicos ou sociais, para coadjuvar-nos nesta tarefa. Varios milhares de manifestos podem ser procurados na sede do Centro, á Rua Quintino Bocayuva, 30.

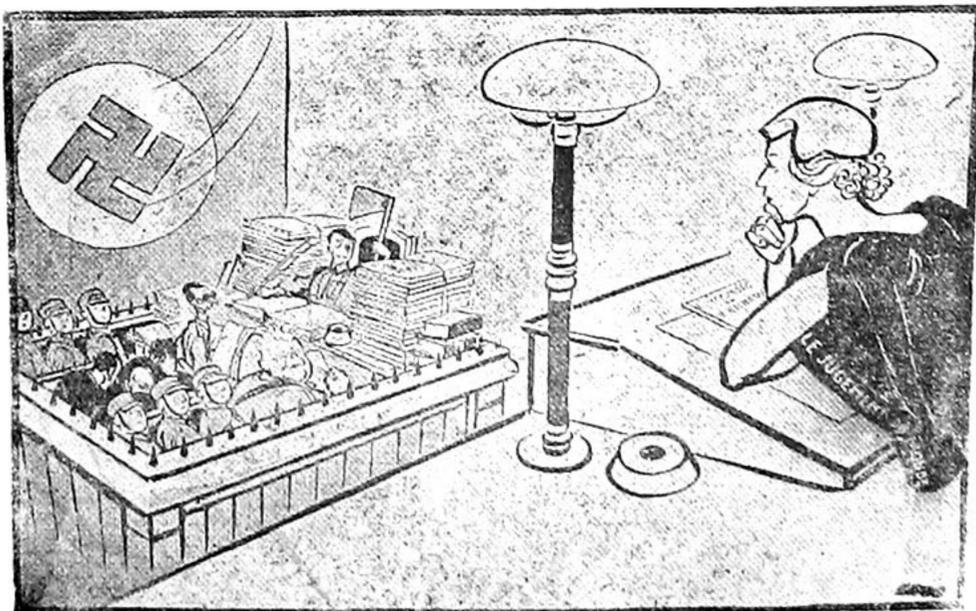
A Comissão Executiva

## AOS ASSINANTES DE "O HOMEM LIVRE"

Pedimos aos nossos assinantes que mudam de residencia, de comunicar-nos o novo endereço afim de evitar a devolução do jornal pelo correio.

...

A colaboração enviada a "O HOMEM LIVRE" deve chegar-nos ás mãos não mais tarde da ultima terça-feira que precede a sua saída.



# As lições da reação

Desde o dia em que Hitler subiu ao poder, uma onda de pessimismo abate e desmorteia o proletariado internacional. É, que pouco antes da catástrofe aqueles que enxergavam direito, previam o fim trágico, ao qual necessariamente haveria de conduzir uma política errada.

A desorganização e o recuo do movimento operário são consequências diretas desse desmorteamento. De tal forma está sendo conduzida a luta, nos países capitalistas onde existe, ainda em escala política, luta "organizada" de operários contra capitalistas, que, com evidência, ela deve estar sem direção, isto é, sem uma consequente direção marxista.

Na Alemanha, a pressão nazista tornou-se cada dia mais esmagadora. Hitler internamente, é senhor da situação, si bem que as contradições a que o levou a sua demagogia o aculem, mas seu controle das massas operárias se estende e se aprofunda, e acabará, dentro de não muito tempo, por isolar e inutilizar as últimas chamadas da resistência heroica mas impotente.

De outro lado, não se desenvolve atualmente, em nenhuma parte do mundo, um movimento operário que seja tão extenso, que possua tanta força, e que condense as esperanças do proletariado, como o que havia na Alemanha antes do advento do nazismo.

Mas, se esta vitória da reação significa o fracasso da política de mais de um partido proletário, ela não significa absolutamente a derrota da ideologia do proletariado. Uma coisa é marxismo e outra coisa é partido. Um partido político operário pode deixar, num dado momento e por determinadas circunstâncias, de caráter não só objetivo mas também subjetivo, poder deixar de ser marxista, isto é, pode deixar de ser revolucionário. E se nos perguntarem qual é a medida que permite controlar o "revolucionismo" ou não de um partido operário, não seria — para os militantes socialistas de todas as tendências — necessário responder que essa medida fornece-a, única e indubitavelmente, a dialética marxista.

A afirmação fascista de que o marxismo falhou, não tem nenhum sentido, é uma afirmação gratuita, cuja força demagógica baseia-se só na ignorância que a gera. Mesmo porque ele, o fascismo, se não contra na inesperada e incomoda necessidade de "prometer" o socialismo — um socialismo qualquer, segundo Hitler, um socialismo absurdamente anti-marxista! — e maçoquear exteriormente e em sentido contrário, formas de vida proletária, de origem genuinamente soviética. Não é atoa que Menotti del Picchia ou Vicente Ráo aproximam, de um modo ou de outro, os dois sistemas, e Mussolini inopinadamente afirma que é preciso de uma vez deixar de pensar que o capitalismo seja invulnerável.

As novas palavras de ordem do fascismo escondem uma nova manobra demagógica, mas na sua contradição, reafirmam a necessidade do socialismo. Allás, é claro que o fascismo se esforça por tirar desta sua mais recente vitória, todas as vantagens possíveis, aproveitando-as em todos os sentidos.

É portanto necessário neste momento — é vital para o proletariado e o seu movimento de emancipação — dar ao operário a noção exata do que está acontecendo. É preciso ter a coragem de ser sincero, de dizer a verdade, de desfazer ilusões. O optimismo das ilusões, para quem combate, é fatal: eis aí uma das regras elementares da estratégia militar.

É preciso defender a ideologia do proletariado, atacada com inaudita violência pela reação e abandonada ou mistificada pelos que se dizem seus genuínos representantes. Deturpar os fatos para desculpar as próprias faltas significa — neste momento sobretudo — auxiliar com as ações embora que não com as palavras, o fascismo. Escondendo ou adulterando a verdade, se confunde, se desmorteia, se avarena, se desarma ideologicamente aos operários, empurrando-os a sofrerem a ação maquiavelica do fascismo. É a influencia do fascismo no seio do operariado começa justamente com esse desarmamento ideológico provocado pelos erros dos partidos que pretendem dirigi-lo!

O movimento operário já conheceu, ao longo de seu desenvolvimento, muitas outras derrotas, e não faltaram então, como agora, os profetas interessados que vaticinaram o fim da ideologia proletária. E de cada derrota, a luta ressurgiu com mais extensão, com mais alicio, alcançando resultados mais amplos e duradouros. A luta do operariado pela sua emancipação não é uma fantasia de pensadores, é sim uma necessidade natural e lógica, determinada pela sua posição dentro da sociedade. Nenhuma das derrotas sofridas pelo proletariado foi definitiva nem o poderá ser. O desfecho lógico, necessário e definitivo desta luta, não pode ser senão a vitória do proletariado e portanto de sua ideologia.

A reação que hoje se desencadeia contra o proletariado é já uma reação internacionalmente organizada, não mais nacional, não mais desligada, fragmentaria, intermitente. Ela é sistemática e constante, com uma sua ideologia particular.

Isto porém não contradiz o marxismo. Demonstra, ao envez, com evidência irretorquível, como é profunda, exata, insubstituível a análise da sociedade capitalista e do seu desenvolvimento, feita por Marx. E quer dizer, também que o operariado precisa de uma organização internacional que esteja a altura de sua missão, que é a de barrar o caminho ao fascismo!

G. S. T.

## Kurt Suckert foi parar na cadeia

As autoridades italianas acabam de ordenar a prisão do escritor Kurt Suckert, ex-cidadão bávaro, o qual, desde o começo do movimento mussoliniano adquiriu uma grande notoriedade na Itália e além dos Alpes, como chefe da chamada fração "selvagem" do Partido Fascista.

Kurt Suckert, mais conhecido pelo pseudônimo de Curzio Malaparte, era indiscutivelmente um dos raros valores intelectuais do fascismo. Para falar-lhe com mais propriedade, era um dos mesmos burros entre os mestres do Fascio. No que diz respeito ao caráter, era porém um fascista igual aos outros. O primeiro livro que se conhece dele figura entre a produção literária anti-patriota do após-guerra. O título: "Viva Caporetto!", dispensa todo e qualquer comentário. (Caporetto é o nome da batalha em que o exercito italiano foi destruído pelos áustro-úngaros em 1917)

Ingressando no bando das camisas pretas, tornou-se logo (ele, estrangeiro) o poeta e o teórico do super-nacionalismo, como inspirador dos orgãos do extremismo fascista ("Il Selvaggio", e "L'Italiano"), e como autor de livros tais que "L'Arce-italiano", "L'Italia Bárbara," etc. Iniciou a sua vida jornalística fundando um pequeno semanário de cavacão ("La Conquista dello Stato"), para acabar como diretor de um dos mais importantes jornais da península: "La Stampa" de Turim.

Escreveu, de parceria com Enrico Falqui, aquela repelente bajulação que é "Vita di Ferro, detto Italo Balbo" ("Vida de Cavanhaque de Ferro, vulgo Italo Balbo") Nestes últimos tempos residia no estrangeiro, cuidando da tradução de algumas das suas obras ("L'Italie contre l'Europe" "Technique du Coup d'Etat" etc.) Foi justamente preso precisamente quando da sua volta á querida pátria.

Segundo as notícias veiculadas pela imprensa oficial, Curzio Malaparte, seria culpado de ter falado mal do fascismo no estrangeiro. A coisa não é para admirar. Também um fascista, de vez em quando, especialmente na mais estrita intimidade, pode ser capaz de soltar algumas verdades sobre o regime de seu coração e sobre o seu "Duce" imortal. O diabo é que os espíões de Mussolini estão além das fronteiras do "paraíso" itálico.

Kurt Suckert, teorizando o regime da volta e do chicote, nem pensava que o feitiço muitas vezes vira contra o feiteiro.

Mas, afinal das contas, é bom que os bandoleiros do fascio experimentem as delicias daquelas mosmorras onde a parte mais honesta e mais corajosa do povo italiano expia a sua fidelidade aos ideais de liberdade e de justiça humana.

H.

## Altona

O machado dos antigos carrascos da Alemanha voltou novamente á sua infame tarefa.

Em Altona — na Prussia — o primeiro do mês de agosto. A cerimônia deu-se em forma privada. Devia ficar limitada pelas muralhas da prisão. Mas nesse pequeno páteo separado do mundo, nessa cela central que tem por abóbada o céu, estavam amontoados os prisioneiros políticos tirados das células do edifício. Eram em numero de setenta e cinco, alinhados em circulo e fechando assim o cadafalso, onde o carrasco — rodeado pelos chefes hitleristas — esperava apoiado ao machado, dando a impressão de um fantasma da Idade Média. Ao pé do cadafalso, quatro trabalhadores de cabeça descoberta e de mãos atadas.

(Continua na 3a. pag.)

## Místicos de camisas

Sob o titulo — O FELIX DE VARAS — publica Pierre Gérôme, no ultimo numero da revista "Europe" um estudo, assás interessante sobre o fascismo e a sua pseudofilosofia.

Não vamos examinar todo esse artigo. Apenas alguns pontos do "pensamento" do chefe do fascio.

Apreendendo possuírem uma filosofia, os fascistas praticam crimes contra a mesma que é razão, que é tolerancia, que é relativismo.

Eles, em lugar da razão, invocam o misticismo. Mas, em lugar da tolerancia, praticam o assassinato do professor Lessing e o incendio das bibliotecas dos filósofos, como aconteceu com a de Benedetto Croce.

Bonito Mussolini, apesar — da sua célebre e celebrada novela, — "A filha do Cardeal", não parece ser grande pensador, conforme se pode verificar por alguns trechos publicados na "Exposição da Doutrina Fascista", que dizem ter sido, escultura, do seu colega Hitler, que não se peja de apresentar ao publico um livro como esse KOLOSSAL a nova edição da "Enciclopédia Italiana". E, não obstante, um notavel rival, sob o ponto de vista da critica pelo próprio Mussolini, para "Mein Kampf", onde se acumula, ao lado dos mais odiosos sentimentos, o máximo em absurdo de toda a espécie.

Sob o aspecto científico, esse livro é, então, uma verdadeira miséria.

Voltemos, porém, ao chefe dos camisas negras.

Vizinho de S. S. — o Papa, sonhando com um Império Romano, como o seu colega sonha com um Império Germanico, almejando, como muitos, pela volta aos belos tempos da Idade Média, julga-se talvez, o actual habitante do Palácio Torlonia, uma especie de Papa do Fascismo, chefe supremo dos camisas de todas as cores.

Embora ha algum tempo tenha dito a Emil Ludwig que o fascismo não era matéria para exportação, declara agora que "a universalidade do fascismo não é objeto de discussão doutrinar, — é uma realidade" (?)

Pela sua imprensa, — a unica tolerada pelo "pensador" da "Exposição da Doutrina Fascista", — declarou mais esta curiosidade: "Se cada século tem a sua doutrina, mil

índices indicam (?) que a doutrina deste século é o fascismo". (?)

Mussolini, nos seus afazeres, que devem ser muitos, esqueceu as aulas de historia ...

Procurando uma definição para o fascismo, definição que deve conter muitos fascistas, escreveu esta coisa incompreensível a todos que usam da razão: "O fascismo é a síntese e unidade de todos os valores".

Todos os sistemas políticos, economicos, tudo quanto a gente queira é sempre a síntese e unidade dos valores.

Todo o dogmático acredita que no seu modo de entender as coisas, se encontre a "síntese e unidade de todos os valores" e todas as virtudes.

Quando os homens deixam de apreciar a razão, para se contentarem com a mística, é preciso ter cuidado ...

A "Gazeta", de ha dias, informando sobre o congresso hitlerista, reunido em Nuremberg, contava o que dissera o snr. Dietrich, num discurso feito nesse congresso.

O chefe da imprensa (?) de Hitler, declarou que o movimento nazista não era um movimento intelectual! Isso não era necessario dizer, pois todos já o sabiam! Completamente contrario a tudo o que é intelectual, isso sim. Mas mais importantes, foram as declarações desse jornalista (?), a proposito do chefe do Nazismo.

"O fundo dessa personalidade (de Hitler), ser-nos-á sempre misterioso, porque o homem que goza da graça divina segue um caminho reto, do qual não se pode afastar. O terceiro Reich é orientado pelas forças da personalidade do "führer" ( ??? )

Já recebemos de Hitler e dos seus gentes e delicados comparsas, o amabilissimo epiteto de "idiotas sui americanos".

Essa escolha ariana e forte, de cachaco simlesco de toutico rubro, que constitue o partido do belo Adolf, deve, pelo sintoma Dietrich, procurar quanto antes qualquer droga indicada para a paralisia geral, pois esta manifesta-se tambem sob a forma de mania religiosa.

É mesmo a sua manifestação mais perigosa ...

Os místicos como Mestre Eckart e S. João da Cruz, felizmente nunca almejavam dirigir os povos.

... E isto para o bem da Humanidade ...

SEPTEMBRO, 1933. SPECTATOR

## proletariado europeu contra o fascismo

Os trabalhadores de quasi todos os portos da Europa boicotam os navios que arvoram a bandeira hitlerista.

CADIZ (Espanha) — Os estivadores do porto de Cadiz — imitando o exemplo de Barcelona, Sevilla etc. — recusaram-se á unanimidade de descarregar o barco alemão Rabat porque o mesmo tinha arvorado a bandeira com a cruz gamada. Os trabalhadores do porto espanhol deliberaram que "nunca mais será permitido que a bandeira hitlerista seja levantada nos portos da Espanha."

As mercadorias do Rabat, foram descarregadas só depois que o capitão do barco — fulo de raiva — ordenou de retirar o pavilhão fascista.

PASAJES (Espanha) — A chegada neste porto do barco alemão Stalch, arvorando a bandeira fascista, — os estivadores — num gesto unanime de repulsa, declararam-se em greve. Foi reiniciado o trabalho sómente quando a cruz gamada foi abaixada.

DUNKERQUE (França) — A entrada neste porto do paquete alemão Akka, içando a bandeira hitlerista, provocou uma grande excitação entre todos os estivadores que abandonaram imediatamente o trabalho. Reunidos em frente ao Akka, os trabalhadores entoaram em côro a Internacional. Diante desse ato de solidariedade fraternal, a maruja alemã — comovida e tomada pelo entusiasmo — mau grado as ameaças da officialidade poz-se a cantar por sua vez o himno dos trabalhadores do mundo inteiro.

GALATZ (Rumania) — Os estivadores de Galatz — respondendo o apelo dos trabalhadores de todos os portos rumenos — recusaram-se de descarregar os barcos alemães chegados neste porto, içando a bandeira nazista — confraternizando com os marinheiros germanicos.

Casos analogos deram-se em Antuerpia, Bordéus, no Havre etc.

## O fascismo, o P. R. P. e a policia,

segundo o Snr. Oswaldo Chateaubriand

"Continuo a sustentar que o que ha de mais interessante nas Américas, do Norte, Central ou do Sul, é o governo do general Vicente Gomez em Venezuela, como na Europa — o fascismo italiano. E si para o Brasil me fosse dado pregar alguma coisa no que diz respeito á politica, bater-me-la com todas as forças pelo retorno do P. R. P., cujas estelios jamais deveriamos ter quebrado, considerando-se a impossibilidade, do ponto de vista histórico e geografico, de adotarmos entre nós o sábio sistema italiano".

"Estejamos tranquilos que assim como as aguas voltam ao seu nivel, a realidade brasileira terminará, dentro de muito pouco tempo, impondo o regresso aos métodos perreptistas, nas suas linhas gerais, quer o poder se encontre nas mãos de um atabalista, de um rodriguesalista ou de um prócer democratico, mau grado todos os protestos de liberalismo".

"Partidos e jornalistas estão assistindo ás escaramuças do chefe de Policia no costado dos comunistas, como si a coação da autoridade á propaganda de uma doutrina politica não valesse por uma certa punhalada no coração do liberalismo. Mais ainda: ao mesmo tempo que a urtiga policial lavra e encalomba o couro dos discipulos de Lenine, o dr. Plinio Salgado passeia impunemente os seus camisa-oliva nas ruas de São Paulo, como si o fascio tambem não significasse um atentado á democracia liberal".

"No fundo e em verdade somos todos excelentes conservadores, que caberíamos com armas e bagagens nos braços amigos do P. R. P., que não concebia a mística do voto, respeitava prudentemente a Igreja, rebelava-se com indusa sabedoria contra o divorcio e por tudo isso defendia os mais transcendentes interesses da sociedade".

(Do artigo "Pilhéria Liberal", publicado no "Diário da Noite" de 28 de Outubro ultimo)

## O incêndio do Reichstag

## Um documento sensacional: o relatório da Comissão de Inquerito reunida em Londres

(TEXTO INTEGRAL)

## Primeira parte

(Aos 20 de Setembro de 1933)

A comissão composta dos seguintes advogados:

Dr. Bakker Nost (Holanda)  
Dr. Gaston Bergery (França)  
Dr. Georges Brautling (Suécia)  
Dr. Arthur Garfield Hays (E. U. de A. I. N.)  
Dr. Vald Hvidt (Dinamarca)Dr. De Moro-Grafferi (França)  
Dr. D. N. Pritt, K. C. (Inglaterra)  
Dr. Pierre Vermeulen (Bélgica)

Reuniu-se para examinar as causas e as responsabilidades do incêndio do Reichstag, verificado em Berlim, aos 27 de fevereiro de 1933.

Tal incêndio declarou-se pouco depois das 21 horas: em poucas horas a sala das sessões foi completamente destruída e os prejuízos foram bastante avultados no resto do edifício.

Desde esse momento, sendo o incêndio de patente origem criminosa, apaixonadas discussões públicas produziram-se acerca da questão das responsabilidades.

Atualmente, Marinus Van der Lubbe, Georg Dimitroff, Blagoi Popoff e Wassili Taneff esperam por comparecer perante a justiça do Reich, em Leipzig, cuja primeira audiência está fixada para o dia 21 de setembro.

A comissão julga de seu dever, fazer um relatório sobre os testemunhos que recebeu e tomou em consideração nas sessões realizadas até esse dia.

A comissão realizou audiências públicas nos dias 14, 15, 16 e 18 de setembro de 1933, para ouvir as testemunhas. Além disso, a sub-comissão composta pelos srs. dr. Brautling Vermeulen e dra. Bakker-Nost, ouviu grande número de testemunhas em Amsterdã, no dia 5 de setembro. Foram também ouvidas testemunhas em audiências privadas, em Londres.

Do grande número de testemunhos recolhidos, a Comissão só tomou em consideração as que julgou dignas de crédito e de importância quanto ao objeto do inquerito.

Existem, certamente, grande número de testemunhos que não fo-

ram recolhidos pela Comissão ou que foram prestados muito tarde para serem tomados em consideração. De outro lado, a Comissão não teve oportunidade de ler o ato de acusação apresentado à Corte do Reich.

A Comissão baseou-se sobre todos esses elementos para chegar às conclusões contidas no presente relatório. Devemos, todavia, lembrarmos de que todas as opiniões e todas as conclusões expressadas no relatório são fundadas sobre as informações de que a Comissão dispõe, informações essas que devem ser tidas por incompletas no sentido de que elas não constituem a totalidade das informações disponíveis no mundo com relação ao objeto do presente inquerito.

## BREVE EXPOSIÇÃO DOS FATOS

A Comissão estima ser necessária, logo ao princípio, mostrar quais eram a situação geral e os acontecimentos políticos mais importantes durante o período que imediatamente precedeu e se seguiu ao incêndio do Reichstag.

Apesar — de, com efeito, ser possível teoricamente que o incêndio do Reichstag não tenha tido nenhuma relação com a situação política, e, também, que tenha sido apenas um crime de um incendiário, de facto, não é possível deixar-se de colocar o incêndio no seu lugar, isto é, na situação política e económica extraordinariamente tensa que existia nas vésperas das eleições gerais, marcadas para o domingo 5 de março.

Para o exame dessa situação política, a Comissão recolheu os testemunhos de certo número de homens conhecidos pela sua experiência e autoridade.

O Governo que detinha o poder, formado em 30 de janeiro de 1933 após a queda do gabinete Schleicher tinha entre seus membros, tres nacionais-socialistas: o chanceler Hitler, Frich e Goering. Mas a maioria esmagadora no Governo pertencia aos nacionais-alemães que possuíam alto pastas, entre as quais a da Reichwehr e as mais importantes do ponto de vista económico.

Na ocasião do incêndio, o conflito entre os nacionais-socialistas e os nacionais-alemães no seio do Governo atingira ao ponto culminante: dos acontecimentos dos dias que se seguiriam e, em particular, das eleições dependeria a sorte da nação alemã.

Os nazis e os nacionais-alemães tinham, é verdade, inimigos comuns, mas os nazis queriam con-

quistar, no Reichstag e sem o apoio dos nac-alemães, a maioria absoluta, ou, pelo menos, a maioria necessária para a reforma da constituição. Afim de obter essa maioria, os nazis deviam, de um lado, incorporar ao seu partido o maior número possível de elementos da classe média ainda presos aos nac-alemães e, de outro, tentar por fora da lei o partido comunista anulando, por essa forma, os votos em favor desse partido ou impedir aos seus membros eleitos de entrar no Parlamento.

As probabilidades dos nazis de alcançar esse duplo objetivo, eram relativamente fracas: as eleições de novembro de 1932 haviam marcado um recuo do partido, que perdera 2 milhões de votos, ou seja, cerca de 15 0/0; urgia reconquistar o terreno perdido e conquistar novo terreno.

Resultado, das declarações de nossas testemunhas, que, às vésperas das eleições, a campanha eleitoral nazi se apresentava com muita inhabilidade.

E' nesse momento que interveio em 24 de fevereiro, a perquisição sensacional na sede do Partido Comunista, conhecida pelo nome de "Casa de Karl Liebknecht", e, em 27 do mesmo mês, o incêndio do Reichstag.

Desde 17 de fevereiro, a policia, que havia ocupado a sede do partido comunista, retirava dali, diariamente, certo número de documentos ou impressos eleitorais, na presença de um funcionário responsável do partido. Mas, no dia 20, o chefe de policia Malcher, nomeado por Von Papen, foi substituído pelo almirante nacional-socialista Von Levetzof.

Aos 24, os jornais anunciaram que a policia procedera, nesse mesmo dia, nova perquisição sensacional, que dera como resultado a descoberta de subterrâneos, catacumbas e de documentos comprometedores. Por um comunicado oficial ulterior, sabemos que foi no dia 26 que o chefe de policia comunicou o fato ao ministro Goering. No dia seguinte, 27, às 21 horas, o Reichstag foi tomado das chamas. Imediatamente, as comunicações oficiais atribuíam a autoria do incêndio aos comunistas e ao mesmo tempo, procuravam estabelecer uma ligação entre os documentos encontrados na casa Karl Liebknecht e o incêndio, sendo que estes documentos, ou pretensos documentos faziam prever — segundo as informações da policia — uma vaga de terror e de atentados, de que o incêndio seria o primeiro sinal. (Sobre os detalhes do incêndio, veja-se a II.ª parte do relatório.)

Logo depois, os documentos da "Casa Karl-Liebknecht" e o incêndio do Reichstag foram utilizados pelo partido nazi para a propaganda intensiva em todo o território do Terceiro Reich. Na noite do sinistro e no dia imediato, foram efetuadas cerca de 1.500 prisões. Ao mesmo tempo, era promulgado um decreto destinado a "defesa contra os atos terroristas dos comunistas", decreto que entrou em vigor a começar da noite de 28 de fevereiro. Por ele, suprimia-se a liberdade de opinião, de imprensa e de reunião, o segredo de correspondência e reconhecimento de documentos, a conexão-se o direito de perquisição nas casas particulares.

A propaganda intensiva assim organizada, modificou completamente a situação eleitoral que nós descrevemos acima. O efeito alcançou proporções condenáveis entre os agricultores do Sul da Alemanha.

O resultado das eleições de 5 de março comparadas aos das eleições precedentes foram as seguintes:

(O primeiro numero indica os resultados de novembro de 1932 e o segundo, de março de 1933).

Nazis: 196-288; Nacionais-alemães: 51-52; Social-democratas: 121-120; Comunistas: 100-81; Partido do Centro: 70-83; Partido bávaro do povo: 20-19; Partido popular alemão: 11-2; Sociais-cristãos: 5-4; Partido do Estado: 2-5; Partido dos camponeses alemães: 3-2; Partido dos camponeses wurtemburgueses: 2-1; Partido do Hannover: 1-0; Partido economista: 0-0.

Por esta forma o Governo de coligação obteve nitida maioria e, depois de ter anulado os mandatos comunistas, o partido nacional-socialista possuía, sozinho, a maioria absoluta.

(Continua no proximo numero).

## ALTONA

(Continuação da 2a. pag.)

das atrás das costas. Quatro comunistas: — Lutgens, Moeller, Wolff e Tesch, este ultimo moço de apenas dezenove anos.

Lutgens subiu primeiro ao patibulo. Imperturbavelmente calmo — assim como apareceu durante todo o processo — levantou a cabeça gritando: «Morro pela Revolução Proletaria! Frente Vermelha!» Depois apoiou sozinho a cabeça sobre o cépo. O machado tombou com violencia, separando a cabeça do corpo. O sangue, jorrando sobre o cavalete, salpicou as faces dos assistentes.

Veiu a vez de Wolff. Ele assomou o cadafalso pintado de vermelho. A' pergunta hipocrita: — «Quereis formular o derradeiro desejo?», respondeu: — «Sim, queria destender os braços pela ultima vez». — Desataram-no. Então o condenado levantou alto o punho cerrado e, bruscamente, deixou-o recair com toda a força sobre um miliciano das secções de assalto que encontrava-se perto dele. O fascista tombou desfalecido e com as faces ensanguentadas. Os milicianos precipitaram-se sobre Wolff que teve logo a cabeça decepada.

A mesma coisa deu-se com os outros dois.

## A ÚLTIMA CARTA DE LUTGENS AOS SEUS FILHOS

Queridos filhos,  
Quando tiverem na mão esta carta o seu papai estará morto morto pelo «verdictum» que acaba de ser pronunciado. Nunca mais nos veremos. Mas, quando estiverem em idade de melhor compreender e aprender a historia, terão a oportunidade de saber quem foi o seu pai. Então também compreenderão porque ele não podia agir na vida de outra forma.  
Sejam felizes e bons combatentes do comunismo.

## LIVROS E REVISTAS

E. Bertran — um anti-fascista de tendencias individualistas muito conhecido na Europa e nos Estados Unidos — fez uma viagem a Italia e publicou suas impressões em dois artigos que aparecem no "Lendehors": Transcrevemos o segundo que se nos afigurou o mais completo, quanto á exposição dos fatos.

"A Italia fascista" — escreve Bertran — "se distingue por tres circunstancias especiais: primeiro A Divida Interna, maior do que a de qualquer outro país não fascista; segundo: Uma depressão económica mais aguda sob muitos aspectos do que em qualquer outra das grandes nações; terceiro: Ausencia absoluta de liberdade e sistema inquisitorial que suprime toda a opposição e não tolera mais que um ponto de vista.

O fascismo "é uma coaligação de partidos nacionalistas "em luta contra o socialismo para conseguir a "regeneração do país" através de sua militarização". O programa fascista é bem definido e admite todos os excessos por parte dos fascistas.

Sem duvida... o fascismo é o sistema mais reacionario dos que até agora foram organizados. Todavia o fascismo parece a alguns uma organização "progressista". Os fascistas falam, realmente, de ciencia e progresso. E' muitissimo evidente que o fascismo "pós as coisas em ordem"; devemos, entretanto, ter em mente que todos os progressos que ele realizou sob a forma de novos edificios, de "foros Mussolini", de pseudo-programa de instrução fazem parte da sua tática. Se o fascismo não exhibisse nada não poderia ser tão admirado como o é em certos ambientes. Ele tem, naturalmente, necessidade do "bluff" para manter-se de pé. E' a sua propaganda. Mas esqueçemo-nos que, sem embargo os países não fascistas, poderiam, si o quizessem "mostrar" o que construíram. A questão é que não o fazem com tão marcada espectacularidade.

Depois disso poderíamos julgar de que genero é a ordem que o fascismo estabeleceu em sua casa".

A idéa fascista em síntese, é a seguinte: "O fascismo defende os interesses daqueles que possuem alguma coisa e pagam para ser defendidos. Está claro que aqueles que pagam devem fazer-lo de bom grado, porque si não pagassem nada possuiriam."

Os fascistas suprimem todos os elementos adversarios. Sob este aspecto a sua organização é eficiente. Suprimiram sem piedade todos os descontentes, todos os criticos. Não toleram mais que uma opinião, segundo

deixa transparecer a sua propria impressão. Nem a caricatura contra o governo ou contra um agente de policia é permitida. Por falar livremente num trem, pode-se apurar na cadeia até de três meses pela primeira vez. (De um fato idêntico fui eu mesmo testemunha). Em semelhantes condições é facil afirmar-se que todos estão contentes".

"Para nós, que somos liberais, o fascismo pode ser assim definido: Uma camarilha de nulidades politicas sem uma filosofia social, sem outro escôpo que o de conservar o poder e viver atribuindo-se uma missão legal e legitima e tomando ares de utilidades nacionais. — Os fascistas italianos são uma quadrilha de bandidos politicos que conquistaram o poder a golpe de "manganello" e o conservam a custa de violencias".

Quanto aos incidentes de sua passagem pela Italia, Bertran é impellido a resumir: "Não se viaja, não se estipulam contratos de compra e venda não se entram nos bordéis regulamentadissimos da nossa vizinhança sem exhibir a carta de identidade. De um tão ridiculo estado de coisas resultam abusos e aborrecimentos sem numero. Convem notar que com este sistema não se conseguiu eliminar os baixos fundos da sociedade.

A gatunagem florece como em todo o resto do mundo e ainda mais e o mesmo se pode dizer da prostituição. O fascismo não venceu sinão a opposição e isto lhe basta..."

A Italia não foi REGENERADA a não ser para padres que constituem o elemento mais ativo".

E, nesta série se enfileiram o numero e o peso enorme dos impostos que se destinam a pagar os serviços publicos, com cujo pretexto o governo fascista reúne meios para manter a sua enorme burocracia.

"Para existir, o fascismo, é obrigado a manter um exercito nos flancos do exercito regular uma policia especial — a milicia dos camisas-negras — destinada a vigilar a população. O sistema fascista consiste em converter uma metade da população em espíu da outra metade..."

O governo fascista é, porisso mesmo, muito custoso e ruinoso. Quanto á educação pode a mesma resumir-se na definição seguinte: é o tirocinio da escravidão mais integral. Uma autentica ameaça ao genero humano, nesta fase da historia.

(Traduzido de "L'Adunata del Re-frattari" de Nova York).

## O caso de Fortaleza

"O HOMEM LIVRE" já comentou em seu ultimo numero a sangrenta provocação dos integralistas de Fortaleza que dissolveram a bala um comicio qualificado como "socialista". Da noticia que reproduzimos abaixo se deduz que a reunião estava simplesmente convocada para a fundação de um sindicato operario. Os fascistas, naturalmente, como representantes de reação, cairam em cima aos trabalhadores, mesmo se um tanto amansados como devem sê-lo os sindicalistas de Fortaleza.

Merece reparo o fato de os fascistas serem dirigidos por um mocho de batina: o padre Helder Camara.

Todos os elementos da violencia e do obscurantismo congregam-se nas hostes fascistas. Precisa esclarecer melhor tudo isso, com panheiros operarios? E precisa repetir ainda qual deve ser o nosso dever deante da ameaça que al está clara, mais do que clara?

"Uma reunião socialista violentamente dissolvida por integralistas, em Fortaleza"

"A proposito de um incidente ocorrido num "meeting" socialista em Fortaleza, recebemos do sr. Apriglio Alves, presidente da Liga Operaria Independente daquela capital o seguinte telegramma:

"Por ocasião da instalação da Liga Operaria Independente, do mingo ultimo quando discursava o professor Jader Carvalho, demonstrando a fallencia absoluta do integralismo, cabos do Exercito juntamente com alunos do Colegio Militar bem como elementos da Legião Cearense do Trabalho e da Ação Integralista Brasileira que obedecem á direção do capitão Jeovah Motta, tenente, João Carvalho e padre Helder Camara, invadiram a sede da Liga, á praça do Ferreiro. O orador foi alvejado e a reunião dissolvida a bala e a cacete. Além do ou "περσοαρη ο εσκαρναο η οσπρωοη η οσ ηερεη οσσοροιοι τυδαντες ο Lyceu. A população mostra-se indignada, continuando a insegurança dos partidarios do socialismo. Somente hoje é que levamos o facto ao vosso conhecimento, devido á falta de segurança do telegrafo. Esperamos que sejam tomadas urgentes providencias".

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 — 2.º andar

Tel. 2-3780



# As besteiras de "Gustavo Garapa"

O sr. Elói Pontes publicou num periódico do Rio, um artigo sobre o livro de conferencias de Gustavo Barroso sobre a marcha do integralismo. O artigo do sr. Elói Pontes analisa bem o que o Gustavo Garapa andou gritando na propaganda do integralismo, e as burradas que juntou na discursão de cristão novo do credo de Plínio Salgado, o detestado mistico do verdeamarelismo.

Transcrevemos abaixo trechos desse artigo:

O integralismo, que o sr. Gustavo Barroso propaga, com girândolas de retórica, a despeito de todos os seus disfarces, é uma das muitas panaceas com que o regime capitalista pretende simular suas intenções. Parece-nos que o sr. Gustavo Barroso deveria, antes de tudo compreender a significação exacta da luta de classes. Elle ainda confunde classe com profissão.

Desse modo, a exemplo de outros partidários dos métodos contemporâneos, que encaram o trabalho como mercadoria exposta aos imprevistos da oferta e da procura o sr. Gustavo Barroso infla as bochechas para soprar a tuba da hierarchia. Nós conhecemos o dialecto... Em regra os membros das classes accessorias consideram-se typos excepcionaes, feitos sob medida enfeitados para andores dos mandatos, da evidencia, da hierarchia... O sr. Gustavo Barroso não escapa á regra. Por isso mesmo ainda repete as bobagens e as banalidades com que alguns contraventores tentaram deturpar a expressão da luta de classes, no seu campo de realidades. Affirma elle que os revolucionarios "querem dar cabo dos intellectuaes".

Onde? Enchendo-se de santa revolta conclue em seguida: "E' o pavor da nossa critica e da nossa fiscalisação". Tudo o que conhece do assumpto, o sr. Gustavo Barroso consubstancia nesta phrase espantosa: O Estado sovietico unicamente defende o trabalho". Como o systema capitalista só defende o capital, elle conclue que o integralismo defenderá a harmonia e a cooperação do capital e do trabalho dentro duma ordem espiritual. Não chegamos a perceber nitidamente o que quer dizer essa ordem espiritual metida ahí a martello. Sabemos, entretanto, que não pôde existir harmonia e cooperação entre interesses antipodas. O governo é sempre um instrumento de classes. Quando não se confunde classe com profissão, essa fórmula se esclarece logo... Os farriscos, que os lazeres do sr. Plínio Salgado allieou, em vão se têm esforcado em definir essa especie de buçaria do fascismo. Ainda agora, o sr. Gustavo Barroso faz aqui gymnasticas verbaes de toda sorte, para explicar as doutrinas que o seduziram O integralismo é a concepção totalitaria do Universo; comprehendendo o mundo dum modo geral, aceita a Idéa de Deus e do Espirito e pretende construir a sociedade segundo o sentido de sua essencia espiritual e material e de accordo com as leis de seus movimentos". Lida a logomachia, temou vontade de ir á cartomante... E' possível que esta nos oriente melhor no labirinto de palavras ócas.

O senhor Gustavo Barroso, que foi sempre um escriptor secco, plano, monotono e vão sem perspectivas pittorescas, sem imprevistos, apresenta-se aqui nos braços da retórica. Ha paginas e paginas neste volume de meros exercicios verbaes. O novo feitiço do estylo de onde em onde surprehende-nos com verdadeiros logogryphos. A força de tentar eloquencia o sr. Gustavo Barroso descobre o nephelbatismo. Ha mesmo lances muito caracteristicos como esse em que elle contesta as semelhanças, as analogias, as macaqueações de que é victima o fascio italiano, por parte dos gatos pingados que o acompanham, no

afan de semeador de palavras. Explorando o distinctivo escolhido pelo papa Plínio Salgado, o sr. Gustavo Barroso escreve: "O symbolo que trazemos o braço esquerdo, o signal do alphabeto grego, é o signal mathematico do calculo integral proposto por Leibnitz por ser a sua primeira letra da somma".

E' que é que tem isto? Qual a expressão intima, symbolica, significativa do facto? Que é que tem Leibnitz, o calculo integral e o alphabeto grego com o integralismo, que os olhos de alguns pandegos conceberam? O sr. Gustavo Barroso com a sciencia do Bom Homem Ricardo explica: "Queremos, pois, sommando os grandes principios niversaes, de que decorrem as leis que geram os factos em qualquer dos aspectos do cosmos, estabelecer uma synthese social, com bases moraes e espirituales definidas, com melos scientificos e racionais certos, da qual resulte uma obra politica tão perfeita quanto ao homem é permitido fazer e não um monstro social como são o Estado burguez e o Estado proletario, um elvado de ignorancia de empirismo, de nepotismo e de politiqueria pódre, e outro negando a superioridade do espirito, a sua primazia, em favor do Moloch determinista do materialismo". E' o que está escripto...

O sr. Gustavo Barroso ás vezes, toma ares de marquez de Maricá: **Mais fortes do que as revoluções que derramaram sangue são as revoluções que derramaram idéas**". Essas verdades profundas elle as repete pensando no sigma e consolo de que está, realmente, derramando idéas. As idéas derramadas, entretanto, só provocam pequenas manchas, que não revelam cousa alguma, além das que conhecemos a respeito dos individuos que trocam as mais solidas convicções pelas lantejoulas da evidencia. Os politicantes de todos os tempos sempre empregaram o mesmo dialecto, as mesmas palavras, os mesmos recursos verbaes, para disfarçar a penuria de quaesquer noções seguras dos problemas economicos. Que pretendieram os apóstolos das novas tizanas, se o acaso os favorecesse? Responde o sr. Gustavo Barroso, de mãos no bolso, camisa oliva e sigma no braço canhoto: "Queremos acabar a inquietação provinda das aventuras, dos empirismos e dos extremistas integralisando as forças vivas da nação num modus governamental equi librado, num Estado totalitario que abranja o Homem nos diversos as-

## A arte e o fascismo

O escultor Elío de Giusto abriu uma exposição — que nos interessa somente porque nella faz uma declaração de fascistas — na qual não sabemos, de início se admirar mais a sincera intenção comercial do "negocio" ou a formidavel constancia do escultor em reproduzir em marmore, gesso, pedra ou bronze, durante tantos anos, o mesmo motivo...

Da arte de E. de Giusto nada é possível dizer porque ella não existe. O escultor em questão é o que se pode chamar: um espelho, que reflete as imagens artisticas de todas as obras que lhe são postas diante.

O sr. E. de G. certamente quando vê em alguma revista uma obra de arte qualquer, suponha, de Líbero Androotti, de Mallol, de Dazzi, etc. diz: oh! que bonito, vou fazer uma igual... E' assim que nasce a obra de arte giustiana...

Numa coisa porém elle foi sincero: quando se declara fascista no

pectos de sua natureza e de sua actividade material, mental e espiritual". Tirantes os logares communs e o tabú das maiusculas, a charada ficou sem conceito... Demorase a attenção na analyse do período. Que é que se extráe dahi? Nada. O estylo do sr. Gustavo Barroso tornou-se hermetico. Elle se deixa conduzir apenas pelo tamtam dos vocabulos. Isto não impede que encontremos ainda aqui verugas, que enfelam a sua physiognomia. Exemplos: "O veneno dos paradoxos influu terrivelmente sobre alguns cerebros anormaes" — "Este quadro admiravel foi traçado alguns annos antes da grande guerra e faz com que nos esqueçamos o sopro do anarchismo e do nihilismo, contribuindo para o desenvolvimento ulterior do marxismo". (O sr. Gustavo Barroso emprega muito esse sarabulho de idéas e doutrinas) — "Chega a um ponto, em que a derrota a escolher nos dará prosperidade ou infortunio" — "O horror ás responsabilidades foi tal, que um presidente da Republica inventou a enxaqueca permanente para fugir a ellas e, quando desceu do Cattete, deixou todos os directores das repartições nomeados interinamente". Não insistiremos. A panacéa de que o sr. Gustavo Barroso se fez propagandista, pertence ao genero das que se vendem á força de annuncios. A feição rhetorica, que elle imprimiu ás attitudes, não acrescentou cousa alguma ao que sabiamos das suas qualidades de escriptor. Ao contrario...

ELOY PONTES.

## Crónica do fascismo Fome e Repressão

O insuspeito "Diario da Noite", publicou no dia 31 de outubro a seguinte noticia transmitida de sua sucursal em Santos, que constitue um depoimento valioso sobre a situação a que o fascismo levou a Italia:

SANTOS, 31 — Entre os inumeros passageiros da terceira classe do "Princesa Giovanna", que passou pelo Porto vindo da Europa, figurava um brasileiro, ao lado de espanhoes, portuguezes italianos, etc. O reporter immediatamente se acercou desse viajante, sabendo então que se tratava de um patrio repatriado. Chamava-se Donato Geraldo Gallo, pedreiro, de 25 annos de idade, solteiro. Nasceu em São Paulo, tendo deixado o Brasil na idade de dois annos. Nunca mais voltou a ver o torrão natal. Ambiguitouse na Italia, desconhecendo o nosso idioma. No paiz do fascio prestou serviço militar, pois esteve nas fileiras do exercito durante o espaço de quatorze meses. Aprendeu a profissão referida de pedreiro, e com ella conseguiu manter-se, pois que com a morte dos seus progenitores — que o levaram para a Italia — teve de ganhar a vida sózinho. E por annos e annos viveu entre a massa anonima dos proletarios que constroem as cidades. Nada lhe produziu essa actividade. E um dia teve a infelicidade de ficar no desemprego. Correram os dias e os mezes sem que apparecesse colocação. Percorreu varias cidades italianas em busca de serviço e em toda a parte encontrou negativo para as suas pretensões, porque a falta de trabalho atingia a muita gente. A miséria se aproximava cada vez mais. E foi então numa dessas negras situações em que o homem fica na iminencia de não encontrar pão e de não achar teto, que Donato Gallo resolveu voltar ao paiz de origem, onde tinha esperança de encontrar dias melhores. Conseguiu então no consulado brasileiro de Nápoles a sua repatriação depois de 23 annos de ter deixado o Brasil, aqui chegando hoje.

Tivemos a curiosidade de saber da situação italiana, através a palavra de

quem a tinha sentido e vivido como elemento do povo. Donato não foi expansivo, mas com um "paiz" que fez com o gesto conhecido, não deixou de nos declarar que era "troppo male". A JUSTIÇA, A CENSURA A' IMPRENSA E A HONORABILIDADE DOS TRIBUNAES DO ESTADO INTEGRAL. A verdade sobre as belezas do "Estado Integral Fascista" (tudo com maiusculas) aparece, transparentemente através as linhas de uma entrevista ao "Diario da Noite" do Rio de Janeiro pelo Desmemoriado de Collegno, e reproduzida em São Paulo pelo vespertino do mesmo nome. Transcrevemos algumas das declarações que dizem respeito á honorabilidade dos tribunais fascistas, á censura á imprensa: ... a Corte de Florença ia estabelecer e erro judiciario que os demais tribunais não teriam desejo de destruir, por que não se desmoralizasse a magistratura. o "Devolvido ao seio da familia, Julio Canella começou a escrever a obra "A procura de mim mesmo" Estão prontos tres volumes dessa obra que a Camera fascista não permite seja posta á venda, conforme já noticiamos na 1.ª edição.

Nessa occasião, a sra. Julia Canella passa a participar da palestra, e diz: — Tudo o que ocorreu foi devido á censura em que vivem os jornaes italianos. O povo mesmo, lendo os votos da promotoria, não poderia acreditar que o meu marido fosse quem é. Os jornaes não podem falar. Tres redactores deles disseram a meu pai que lamentavam não poder tratar do caso como desejavam.

Proceguindo, disse-nos d. Julia Canella:

— Uma vergonha! As impressões digitas de Mario Bruneri — um homem que foi preso mais de 70 vezes — nunca appareceram! E, de uma feita surgiram verdadeiros borrões em que não se viam as papilares!

Por que? — perguntará o sr. redactor. Porque se apparecessem ficaria provado que Mario Bruneri é um homem italiano, através a palavra de

## Onze annos de fascismo

Vamos ter estes dias um novo e mais furioso diluvio de verbosidade fascista, por occasião do encerramento do ano undécimo e do começo do ano duodécimo da Era Mussolinica.

A imprensa italiana e a imprensa brasileira simpatica aos algarozes do povo italiano encher-se-ão dos "balancetes" falsificados com que o fascismo, desde algum tempo, costuma brindar o mundo. Algarismos, diagramas, ordens do dia de Mussolini, listas das prisões e dos mitórios edificadas nestes ultimos doze meses, paradas, enthusiasmo encomendado etc., tudo isso virá á tona para ser alardeado ainda uma vez.

Mas, depois da festa, o regime do "Duce" continuará coxeando como dantes, entre as dificuldades e as

contradições da crise inexoravel que ele mesmo contribuiu a tornar mais aguda.

No terreno economico, mau grado as afirmativas dos turiferarios do "fascio", o governo de Mussolini terá que enfrentar o escolho do desemprego chronico de grande parte da população e as consequencias da valorização louca da lira, obtida á custa da miséria do povo.

No terreno politico, o partido dominante encontrar-se-á, mais do que nunca, em p. de guerra contra a maioria dos italianos, tanto assim que a legislação terrorista do Ministro Rocco continua a ser applicada com sempre renovada ferocidade, sendo a mais agravada pela organização de pseudo-complots, por parte da O. V. R. A., a policia politica do fascismo.

No que diz respeito aos problemas internacionais, já vimos — depois dos recentes acontecimentos da Alemanha — o fracasso do famigerado Pacto Quadruplo, com que Mussolini queria se apresentar á Humanidade como o salvador da paz universal.

Entre estes trilhaes, sobre os quais o fascismo é forçado a se manter, brota um sem numero de episodios particulares, cujo exame revela dia a dia as multiplas contradicções de que é tecida toda a vida politica e economica da nação.

O fracasso do fascismo é o fracasso dos "metodos heroicos" da sociedade capitalista. Graças as armas da violencia, empregadas contra o proletariado, a burguesia tinha a certeza de, entregando-se a saltadores politicos da envergadura moral de Mussolini e de Hitler, conseguir a propria salvação.

O proletariado foi reconduzido á condição dos antigos escravos, privado de todas as conquistas, obtidas em seculos de lutas civis, mas a crise da sociedade capitalista não por isso foi resolvida. Pelo contrario.

E hoje, como consequencia do fascismo, a Europa e o mundo estão empregando esforços desesperados para escapar á fatalidade da extrema ratio: um novo massacre mundial.

— O fascismo salvou a civilisa-

ção! — clamam todos os Tristões de Ataide do Universo — Com effeito...

A "Civilisação" que as camisas de diversas cores salvaram é a civilização da morte, da fome e do crime: a "civilisação" das "esquadras" de Mussolini, do Machado de Hitler, dos campos de concentração, dos exercitos de famintos e de perseguidos.

Foi esta "civilisação" que deu ao mundo a barbarie de 1914 e continuou com os massacres da China e do Chaco.

Na Italia do após guerra — infelizmente — não houve numa tentativa de revolução social. Na Alemanha, por sua vez, a social-democracia — dona do poder durante longos annos, não se atreveu a mudar o velho estado de coisas, cuidando mesmo que não fossem ameaçados nem de longe os privilegios do capitalismo.

No entanto, o proletariado dos dois paises, tinha todos os direitos de chamar a uma prestação de contas as responsaveis, pela ruina de dois povos.

Foi sufficiente que os trabalhadores comessem a falar de justiça e de reivindicações para que se desencadeasse a contra-revolução preventiva e para que, em nome de Deus, de outras mentiras convencionaes, se entrassem os espertaculos bárbaros da mais negra Idade Média: homens, mulheres, velhos e meninos assassinados friamente, pobres lares saqueados e queimados, fuzilamentos, a volta do carrasco e do pelourinho...

Ironia trágica: os responsaveis por todos os males do nosso tempo castigaram os innocentes pelos crimes que eles mesmos cometeram!

De outra parte a mesma coisa a pesar de em ponto pequeno, está se dando entre nós tambem.

A burguesia internacional tem, evidentemente, as suas boas razões para celebrar a Marcha sobre Roma. Para ella, a efemeride representa um dia de victoria.

De victoria temporaria porém... Porque, como já disse uma victima de Mussolini, quanto mais a noite avança, tanto mais a luz da alvorada se aproxima!

O FARROUPILHA